

Cidade natal de Jesus Christo

A Redempção do genero humano foi annunciada ao mundo com palavras de paz, entoadas pelo coro dos anjos no Presepio de Belem.

« Gloria a Deus no ceo, e paz aos homens na terra » — disseram elles proclamando o nascimento do Messias.

Estas palavras celestiaes tem sido o thema predilecto de poetas, prosadores e oradores de toda a christandade. Os publicistas o tem por vezes applicado com vario intento, e, ainda mal, este pregão de paz tem servido para moto de guerra!

Saudando, com o fervor religioso que influe no animo de todo o homem catholico o dia natalicio do nosso Salvador, restringir-nos-hemos a dar noticia da cidade da Palestina em que Jesus nasceu, e do seu estado actual, segundo representa a nossa gravura, tirada da uma photographia recente.

Tres escriptores notaveis, Volney, Chateaubriand, e Lamartine foram á Palestina, e nos descreveram todos os logares santos onde se passaram os augustos mysterios da Redempção.

Confrontando-os nós com o que da mesma Terra Santa publicou um franciscano portuguez, fr. Pantaleão d'Aveiro, achámos ser este mais explicito e demorado nas suas descripções, embora não podésse hombrear, no estilo e poesia, com aquell'outros viajantes. Todavia, um critico severo reconhece que a sua linguagem é pura, o estilo animado, agradavel, e algumas vezes elegante. Por estes predicados o incluiu a academia no catalogo dos nossos auctores classicos.

Tudo quanto escreve é de observação ocular, e refere-se ao anno de 1563.

Ouçamos como elle descreve a cidade de Belem, e o Presepio onde nasceu o Menino Deus:

« Belem, cidade santa e patria do propheta David, onde teve por bem nascer o Salvador do mundo, ao presente é uma pequena povoação que tem pouco mais de duzentos visinhos (familias) segundo me affirmaram alguns d'elles a quem o perguntei, ainda que menos parecem por estarem as casas meias subterraneas.

São tantos os casaes dos christãos como os de moiros, gente pobre e miseravel, em especial os moiros. Os christãos todos, no espiritual, são sujeitos ao patriarcha dos gregos; além das muitas superstições que os gregos tem entre si, em toda a parte aonde não obedecem á egreja romana, tem os que vivem n'esta terra outras muitas peiores, tomadas dos moiros, entre os quaes nascem, e com quem se criam e conversam toda a sua vida. Nem entre uns e outros, no vestido e trajo, ha outra differença que trazerem os moiros uma pequena faixa na cabeça, e os christãos listrada, os que a trazem, posto que a gente pobre, pela maior parte, não traz mais que um pedaço de sombreiro velho a modo de capacete; e digo velho, por me não lembrar que o visse a algum novo. As mulheres todas andam de uma maneira, ao uso da terra.

Nos comeres e enterramentos, no prantear os mortos, solemnisar bodas, são todos mui conformes, não sómente em Belem, mas em todas as partes onde vivem de mistura; nem é de maravilhar, porque os christãos que são naturaes da terra e seguem o rito grego, todos indifferentemente são canalha; e o que parece melhor, sem escrupulo se deve ter por peor, salvo em condições, pois vêmos em animaes brutos de uma mesma natureza, uns serem mais domesticos que outros.

Aqui, em Belem, os christãos tem melhor o necessario para a vida que os moiros; porque se dão á lavoira, semeam muito trigo, tem muitas e boas vi-

nhas: e commummente os moiros servem os christãos em lh'as concertar e guardar no tempo: e lhes lavram as terras, e lhes guardam o gado, e fazem todo o outro serviço. Mas nem por isso nos vestidos andam uns melhorados dos outros.

As vinhas junto a Belem, e toda aquella comarca, são mui fructiferas, e a maior parte assyrias, de que fazem muito bom vinho, com licença do governador da terra, posto que em toda a Palestina se não vende atavernado, nem menos em publico. Eu medi com minha mão, junto a Belem, um cacho que passava de covado; mas muito maior devia ser o que os espias, por quem o santo Moysés mandou descobrir a terra de Promissão, levaram para lhe mostrar, pois para o levar foi necessario dois homens. Tambem ha de redor de Belem muitos olivaes e figueiras.

Apartado das casas de Belem, tiro de pedra de bom braço, está o pateo ou adro de Nossa Senhora, do nosso mosteiro (S. Francisco), o qual de todas as partes está cercado de alto muro: da parte do sul tem grandes edificios, aonde em tempo de christãos morava o bispo de Belem, e junto a elles uma egreja mui formosa, que agora está quasi toda arruinada, ainda que tem em pé seis mui formosas columnas, que mostram bem qual era toda a outra obra.

O templo de dentro é uma obra espantosa, nem me parece haver outro tal no mundo, fóra do templo de Salomão antigo; é intitulado do nome da Virgem Nossa Senhora, [1] e está á conta da nação grega. Entrando á mão direita está o baptisterio, tão rico e sumptuoso como convem á mais rica obra do templo, o qual é de cinco naves, sustentadas sobre quatro fieiras de mui grossas e formosas columnas de jaspe, mui altas; cada fieira de dez columnas, e em cada columna pintado um apostolo, propheta ou patriarcha; e como ellas são quarenta por todas, deram a cada uma o que melhor lhe estava, posto que a antiguidade tem tirado muito lustre a toda a obra. Na nave do meio, dos capiteis das columnas até ao tecto váe parede mui alta, armada sobre grossissimas vigas de cedro do Libano, lavradas as pedras de mui rico mosaico, com historias da mesma obra de mosaico, assim do velho como do novo Testamento, e as quatro egrejas patriarchaes da christandade, a uma parte Antiochia e Constantinopla, e a outra Alexandria e Jerusalem.

Sobre a porta principal está, do mesmo mosaico, a vara de Jesué, em figuras muito grandes, obra por certo que parece miraculosa. O coberto de cima é de grossissimas vigas de cedro do Libano, lavradas de curiosas invenções de lavores cobertos de oiro e azul, e o telhado todo lustrado de chumbo.

As paredes d'este templo, de uma e outra parte, foram ornadas todas de jaspes verdes e vermelhos, e de outras mui ricas pedras postas por sua ordem, e entre ellas guarnições de madreperola, para mais ornato; mas a maior parte de tudo isto tem os turcos levado para as suas mesquitas.

O solio ou chão d'esta egreja é todo de pedras tão finas, que quando estão limpas enganam, com seu resplendor, aos que novamente entram, porque vêem nas mesmas pedras as pinturas das paredes, como acontece nos espelhos cristallinos.

Tem esta sumptuosa egreja tres tribunas ou capellas, a saber, a principal no meio, e suas collateraes, todas tres de abobada cobertas de rico mosaico, e as paredes ornadas das mesmas pedras finas que o corpo da egreja. A capella-mór tem de comprido noventa e dois pés. A mão esquerda, junto a uma tribuna collateral, vem as costas da capella do santo Presepio, que tem alli duas portas de bronze feitas a modo de curiosa gelosia, para que dentro da egreja grande de que vou tratando, os christãos da terra, turcos e moiros, possam visitar e ver o Presepio sem devassarem o mosteiro dos frades entrando por dentro. Os portaes das portas de bronze são de porfido e jaspe, com columnas e lavores; e cada porta tem cinco degraus das mesmas pedras finas da parte de dentro do Presepio, por cuja causa é aquella egreja frequentada de todo o genero de nações, assim de christãos como de turcos, que de toda a parte a visitam com muita devoção.

Ao Presepio se desce por uma mui ingreme e escura escada de vinte e tantos degraus de pedra, que váe dar á capella feita da mesma rocha viva subterranea sem claridade alguma, salvo que no meio da escada arde de continuo uma lampada de que participa a capella, a qual é feita sem compasso ou arte, mas quasi como a formou a natureza, e sustenta-se com ter no meio um grosso pilar feito de pedra e cal. Alli estão differentes altares, um arrimado á rocha, e debaixo d'elle uma grande cova onde foram mettidos a maior parte dos meninos que Herodes mandou degollar; outro onde está sepultado Santo Eusebio, discipulo e companheiro de S. Jeronymo; e mais adiante o da sepultura d'este santo doutor, assim como a estancia ou estudo onde este santo padre tinha a sua santa livraria, e traduziu a Sagrada Escriptura.

Todas estas estancias estão debaixo do chão como furnas marinas, e sómente esta participa da luz do dia, ainda que pouco.

Andando seis ou sete passos para o poente da capella dos Innocentes, chega-se á porta do santo Presepio, a qual aberta vêmos defronte o logar, milhares de vezes santissimo, onde teve por bem nascer o Verbo Divino, com cuja vista toda a alma que alli chega começa a sentir a suavidade do logar sagrado e bemdito. Alli parece que de continuo se vêem visões de anjos com olhos corporaes, e se sentem suas melodias e canticos angelicos. Alli se vos representa que vêdes, claramente, Deus humanado e nascido, estar em o Presepio posto e reclinado, os pastores e magos adorando, a Virgem gloriosa e o santo José seu esposo, aquelles tão altos mysterios contemplando. É de tanta magestade e devoção a capella do santo Presepio, que sem duvida para mim tenho, não haver christão no mundo, por muito mau e pessimo que seja, que entrando alli com alguma consideração da santidade d'aquelle logar, não se arrependa e tenha dor intima e contrição de seus peccados.

Tem esta capella 30 pés em comprido e 14 de largo; o chão é coberto de taboas mui compridas e largas de marmore fino, as quaes, como depois de serradas e polidas foram postas por sua ordem, com suas vêas umas juntas com as outras, mostram aguas e lavores com muitas curiosidades. A abobada é de rico mosaico, e as paredes, do pavimento até ao tecto, são cobertas das mesmas taboas postas em duas fileiras, tão lindamente lavradas umas e outras, que vós vêdes n'ella como n'um espelho cristallino, e tão unidas, que para se enxergarem as juncturas convem ter muito boa vista. Todos estes marmores, assim serrados, tem da sua natureza muitas imagens, rochedos e arvoredos, algum tanto o azul sobre o branco a modo de procelanas, coisa certo tão estranha que causa admiração.

Não tem este santo logar claridade alguma, salvo a de muitas lampadas que n'elle de continuo ardem, á conta de varios principes e reis christãos que as offertaram. Por particular amizade e importunos rogos, os frades que moram na Terra Santa permittem aos armenios terem alli duas, por serem nossos amigos e devotos.

[1] Foi edificado no anno de 326, pela mãe do imperador Constantino, como logo se verá.

Na cabeceira e principal logar d'esta capella está um altar, defronte da porta, mettido na parede com um arco mui rico de porfido. A mesa é uma taboa de alabastro de 6 palmos em comprido e pouco mais de 3 de largo, a qual fica em vão. Debaixo d'ella está tudo ornado de jaspes serpentinos, assim no solio como de redor das paredes, e no meio d'ellas uma rica e mui resplandecente pedra branca, lavrada á maneira de estrella, com quatorze clarissimos raios, e dentro d'ella um porfido redondo, e concavo dois dedos, cujo vão tem sómente um palmo: aquelle é o logar sacratissimo aonde o bom Jesus esteve quando saiu das purissimas e virginaes entranhas da Virgem Maria.

O logar do santo Presepio, ou para melhor dizer, o que se chama agora Presepio, é de 5 palmos de comprido e 3 de largo, feito a modo de uma mangedoura de animaes. A parede junto a elle não está coberta nem ornada com coisa alguma, mas sómente rocha viva como estava no tempo que o Redemptor do mundo nasceu.

Em um dos marmores d'este santo Presepio, da parte de dentro, está a imagem de S. Jeronymo, com barba comprida e carapuça grande na cabeça, como costumavam trazer os caloiros e monges d'aquellas partes e de toda a Grecia.

Está o santo Presepio todo coberto com uma cortina e corrediça que alli trouxe da India a devota mulher portugueza Mecia Pimenta.»

Fallemos agora do estado presente de Belem.

Fica esta antiga cidade da Galiléa a dez metros de Jerusalem, outr'ora capital da Palestina.

O nome de Belem, Betheleem ou Ephrata, foi-lhe posto por Abrahão, e significa «casa de pão ou celeiro,» naturalmente pela sua fertilidade comparada com outros terrenos da Judéa. A povoação está assentada sobre um oiteiro, que fica do lado oriental de um profundo valle que se prolonga de nascente a poente. O seu principal edificio é a egreja e convento que Santa Helena, mãe do imperador Constantino, mandou edificar em 326 no sitio do Presepio onde Christo nasceu, dedicando-a a Nossa Senhora. Está cercada de muralhas e ameias, pelo que de longe parece uma fortaleza, como bem mostra a nossa estampa. Tomada pelos musulmanos com toda a Syria em 430, foi depois reconquistada pelos cruzados em 1099. Saladino, soldão do Egypto, a arrebatou aos christãos em 1187, passando em 1517 para o dominio da Turquia, onde se conserva, concedendo o imperador aos christãos terem nos Logares Santos alguns religiosos para o serviço divino, mediante um tributo que lhe pagam.

Ultimamente nomeou a corte de Roma patriarcha de Jerusalem a monsenhor Valerga, o qual publicou um extenso relatorio da sua visita pastoral ás egrejas da Palestina e da Galiléa, d'onde traduzimos o que elle diz sobre o estado actual da patria de Jesus Christo.

«A população de Belem é de 3:995 almas, a saber: 2:000 latinos, 1:520 gregos, 360 musulmanos, e 115 armenios scismaticos. Para todos estes habitantes gozarem dos privilegios que lhes são concedidos, vivem em boa harmonia, e fazem alliança com os arabes, principalmente com a tribu dos bethulios, e dos abugochs, que nunca deixam de os ajudar e soccorrer.

Em Belem se acha o principal núcleo da população catholica da Palestina. Devo dizer que os negocios religiosos vão alli mui bem, devido isto ao zelo de um missionario indigena, que foi estudar e ordenar-se a Roma. O cura actual, homem capaz e serviçal, offereceu-se para me coadjuvar nas reformas de que necessita esta missão. Brevemente estabelecerei as irmãs de S. José para abrirem uma eschola de meninas. Com estas conto dar principio á regeneração d'este paiz. É mui urgente esta fundação, porque os protestantes conseguiram ultimamente, depois de longos esforços, fundar aqui um estabelecimento de ensino. Todos sabem que estes ministros do puro evangelho raro chegam a fazer algum proselyto sincero; porém como em toda a parte ha descontentes e almas venaes, sendo elles ricos, facilmente acham adeptos. Deploro com toda a minha alma, que este novo elemento de divisão dos fieis venha estorvar a união de que tanto carece a egreja catholica. Ha aqui tambem um estabelecimento de S. Vicente de Paulo. Esta modesta filial de Jerusalem não é numerosa, porém não deixa de prestar bom serviço aos pobres, enfermos e velhos, tratando-os e visitando-os em suas casas. O anno passado recolheram as irmãs da caridade, e distribuiram pelos pobres, uns mil francos. Exulto de ver as caritativas conferencias de S. Vicente de Paulo, espalhadas hoje por todo o mundo catholico, estabelecidas tambem ao pé do Calvario e do Santo Sepulchro.

Por occasião do jubileu, e para nos conformarmos com as intenções do Santo Padre, excitámos a caridade dos catholicos da Terra Santa a bem da propagação da fé; já temos recolhido 1720 piastras turcas. É pouco; mas é um começo de estabelecer regularmente esta obra pia no meu patriarchado. Já o teria feito pelas festas do Natal passado, se o governo ottomano não tivesse exigido, n'estes ultimos tempos, um tributo extraordinario a todos os seus vassallos.

Não devo, porém, occultar que esta subscripção é difficil de alcançar-se na Palestina, onde os nossos fieis estão mais costumados a receber que a dar.»

PRESEPIOS

Referem os expositores da Sagrada Escriptura que, chegando á cidade de Belem S. José e a Virgem sua esposa, para se darem a rol, segundo fôra ordenado por um edicto do imperador Augusto, com intento de fazer a estatistica geral de todo o imperio romano; depois de se inscreverem no registo publico da referida cidade de Belem, foram os dois consortes procurar pousada, correndo mais de cincoenta casas sem que em nenhuma achassem commodo, nem tão pouco na estalagem destinada para os peregrinos.

Como anoitecesse, tiveram de se abrigar, fóra da cidade, n'uma gruta ou caverna onde se recolhia gado, logares estes a que se dava o nome de presepio ou curral. Ahi estava uma mangedoira com alguma palha, onde a Virgem Maria, sobrevindo-lhe, inopinadamente, a hora do parto, reclinou e agasalhou seu bemdito Filho.

Escreveram alguns que esta mangedoira era de pedra, e outros que era de tijolo; mas o padre João Baptista de Castro testimunha que é de madeira, porque elle a *vira e beijára muito á sua vontade*, no anno de 1735, quando foi a Roma, para onde a transportaram no tempo das cruzadas. Foi posta na famosa capella Xistina da basilica de Santa Maria Maior, onde todos os annos se expõe á veneração dos fieis na noite de Natal.

É tambem mui questionado entre os auctores ecclesiasticos, se no presepio, e na occasião do nascimento de Christo, estavam, com effeito, um boi e uma mulinha, entre os quaes costumam os pintores collocar o menino Jesus recemnascido. A opinião mais provavel, porém, é que tal circunstancia é fabulosa, e citada primeiramente n'um poema intitulado *De Passione Domini*, attribuido a Lactancio, d'onde, naturalmente, tomaram motivo os pintores

e esculptores para assim figurarem os seus quadros e imagens; sendo certo que nenhum dos santos padres interpreta o texto dos dois prophetas Isaias e Habacuc, que fallam em sentido allegorico e não litteral, entendendo-se pelos dois animaes a que estes prophetas se referem, os dois povos, judaico e gentilico, que o Messias vinha regenerar. Entretanto, o boisinho e a mulinha são ainda hoje figuras indispensaveis n'um Presepio, e as que mais recreiam a vista das pessoas devotas e das crianças.

Fr. Luiz de Sousa diz que o uso dos Presepios em Portugal começára na egreja das freiras do Salvador, de Lisboa, fundado em 1391. Ponhamos as suas proprias palavras:

«Por tradição antiga, se conta e está recebido entre estas madres, que a primeira representação que se fez na cidade do glorioso nascimento do Filho de Deus, no seu Presepio de Belem, foi e teve origem n'esta casa, dando occasião a isso uma devota visão de uma madre, a qual fez logo pintar o que n'ella víra, e no primeiro dia de Natal seguinte, mandou levantar no meio da egreja um edificio arremedado, da porta, da cova e portal de Belem, com figuras que representavam o que alli obrou a misericordia divina, acompanhadas da sua pintura.

Fez isto devoção na terra, e continuou a fabrica do Presepio n'esta egreja pelos annos adiante, continuando sempre o painel da visão n'elle, e dizem, que a esta conta, começou a devoção com que a confraria dos clerigos pobres vem todos os annos, pelas oitavas do Natal, cantar uma missa n'esta egreja; e d'aqui se começaram a fazer, n'outras egrejas, os Presepios que hoje se fazem em quasi todas.»

Os mais nomeados de que nos lembrâmos, e ainda existem em Lisboa, são o dos Jeronymos de Belem, e de Santo Antonio dos Capuchos, hoje Asylo de Mendicidade.

MISSA DO GALLO

Foi o papa Thelesphoro, no seculo II, quem ordenou que se dissessem tres missas pelo Natal, não todas seguidas como hoje, mas a primeira á meia noite, hora em que nasceu o menino Deus; a segunda ao romper da aurora, e a terceira ás tres horas da tarde.

De cantar o gallo á meia noite, deu o povo o nome d'esta vigilantissima ave á missa dita a taes horas. D'antes havia grande folia nas egrejas durante a missa do gallo, e ainda nos fins do seculo passado, as reprehende o eloquente oratoriano Manuel Bernardes, n'estes termos:

«Emende-se o celebrarmos as noites de Natal nas egrejas (como eu vi em uma), com pandeiros, adufes, castanhetas, foguetes, tiros de pistola e risadas descompostas. E advirta-se, que nenhuma d'estas coisas descanta bem com a letra dos anjos, pois nenhuma dá gloria a Deus nas alturas, nem paz aos homens na terra.»

Hoje apenas se conserva a gaita de folle, simulada no orgão.

ANNO DO NASCIMENTO

Não se sabe ao certo em que anno da creação do mundo nasceu Christo. Tem-se escripto muito a este respeito, e em vão se cançaram antigamente muitos ecclesiasticos, e nomeadamente o auctor da *Chronologia Universal*, para conciliar o computo dos setenta interpretes da Biblia com a traducção da Vulgata. E livro cançadissimo o tal, cheio de muitas taboas e combinações, que nos fazem admirar a paciencia do auctor, e nos mettem em confusões inextricaveis.

A egreja latina usou do computo dos Setenta, os quaes dizem que o nascimento de Christo fôra no anno 5199 da creação do mundo. A Vulgata assigna o anno de 3963, computação esta que differe nada menos de 1236 annos da dos Setenta. Todavia o concilio tridentino mandou usar da era da Vulgata como mais authentica.

Apesar d'isto, os computistas modernos convem em que desde a creação do mundo até ao nascimento de Christo decorreram 4000 annos. Bossuet, no *Discurso sobre a historia Universal*, diz que esta epocha é a melhor de todas.

Quando pois nas folhinhas se designa o anno da creação do mundo em relação á era vulgar do nascimento de Christo, com a expressão *segundo a melhor chronologia*, allude-se a esta discordancia dos chronologistas, porque ha umas 140 variantes!

Quanto ao dia e mez, é tradição antiquissima da egreja, que o natal de Christo fôra a 25 de dezembro, e por isso durante muito tempo começou o anno civil n'este dia, chamando-se-lhe *anno do nascimento*; porém n'algumas nações principiava a 25 de março, e lhe chamavam *anno da encarnação*, como por exemplo em Inglaterra, que até 1752 usou d'este computo.

Hoje todas as nações começam o anno no principio de janeiro.

AZULEJO DO SECULO XVI, COPIADO DA EGREJA DE JESUS DE SETUBAL

Muitas das nossas egrejas antigas são forradas, interiormente, de azulejos até ao meio, e n'algumas havia capellas todas azulejadas. Representam, quasi sempre, os successos mais notaveis da Sagrada Escriptura, a vida de Christo, da Virgem Maria, dos santos e varões religiosos, milagres, parabolas, etc.

Na viagem artistica, feita pelo conde de Raczynski em Portugal, nos annos de 1843 e 44, se acha larga menção dos azulejos notaveis por sua pintura, que o conde viu em diversas egrejas, claustros e palacios antigos.

Sobre a origem d'este ladrilho vidrado, e a epocha da sua introducção em Portugal, escreveu o sr. visconde de Jorumenha uma extensa nota que vem a pag. 434 até 497 da citada viagem, intitulada *Les arts en Portugal*.

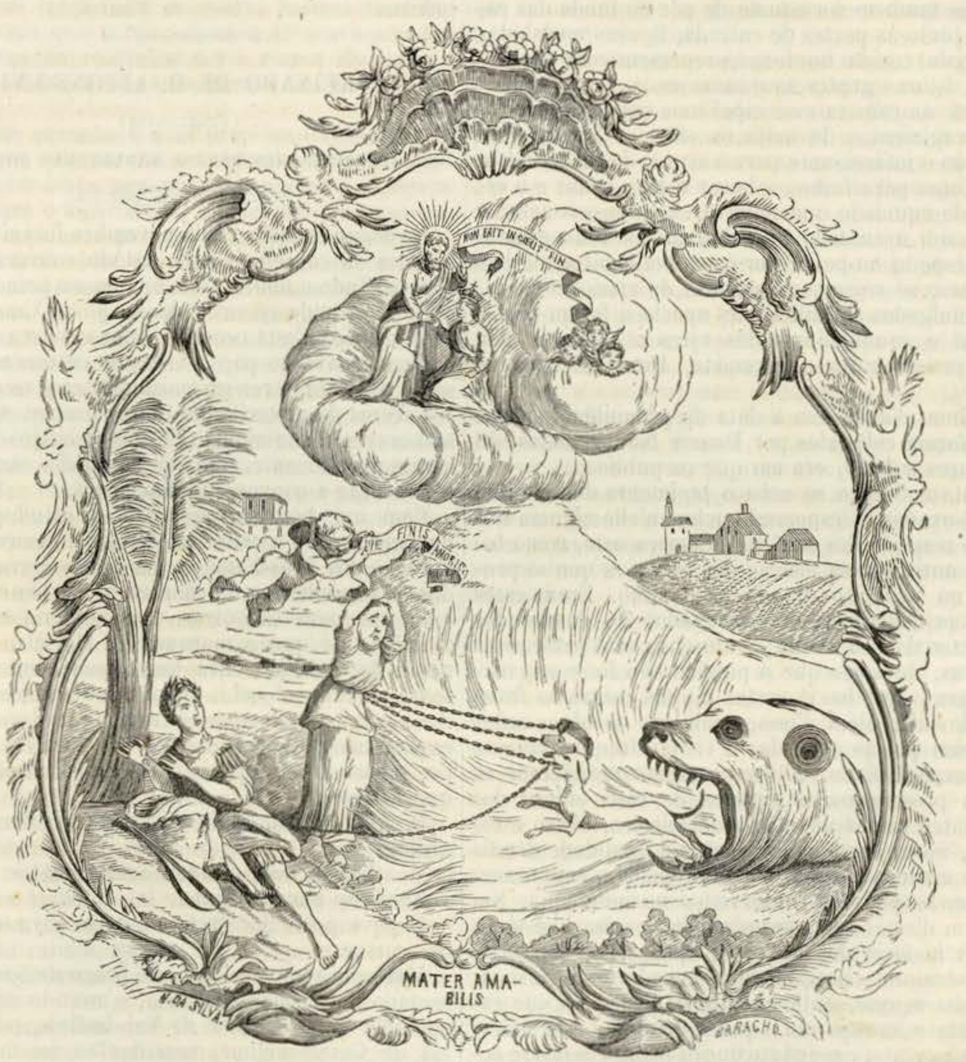
D'esta nota, escripta com toda a averiguação, e com a ampla noticia das antiguidades nacionaes que tem o sr. visconde, traduzimos a parte que serve para elucidar os nossos leitores, a respeito da gravura que lhes apresentâmos.

«Os azulejos que hoje conhecemos, reduzem-se a duas especies: os de relevo, com flores, arabescos, e figuras; e os lisos, ainda de uso commum. Um documento do seculo XV nos dá a certeza de que esta especie de ornatos era já n'aquelle tempo muito usada entre nós. Ahi se diz: *os dois altares de fóra com o altar mór, cobertos de azorecho.*

Pertencem provavelmente a este mesmo tempo os medalhões que se vêem na egreja da Madre de Deus, extra-muros de Lisboa, fundada pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II. Talvez se possa attribuir a esta mesma epocha uma obra que, pela sua boa execução, parece pertencer ao reinado seguinte; fallo de alguns azulejos que me lembro ter visto na egreja parochial de Aldeia-gallega da Merceana, nos quaes parece reconhecer-se o retrato de D. João II. Presumo ser com effeito o retrato d'este rei, e que esta egreja fôra fundada por elle, porque o portico estava coroado com um pelicano, que era a sua divisa.

Entretanto, não é boa prova, porque el-rei D. Manuel conservou algumas vezes o pelicano nos edificios já começados, ou ordenados pelo seu predecessor.

Conservam-se muitos azulejos lisos dos seculos XVI e XVII; mas existem tambem de relevo no convento da Pena em Cintra, e no palacio da mesma villa. Os dos fogões d'este palacio representam uma estampa feita por Duarte de Armas, pintor d'el-rei D. Manuel. Ha tambem alguns, antiquissimos, na egreja parochial da villa de Alcochete, e n'uma gruta ou fonte na quinta de Penha Verde em Cintra. Se a memoria me não falha, porque o li ha muito tempo, não sei aonde, creio que havia no convento da Trindade em Lisboa, alguns muito bons, representando a tomada de Arzila. Na entrada de uma casa construida no sitio do convento se vêem alguns azulejos de data mais recente. O claustro do convento de Penha Longa, em Cintra, é tambem ladrilhado de azulejos, bem como as construcções chamadas do Nuncio. As obras do convento fizeram-se por ordem d'el-rei D. Manuel e de seus filhos o infante D. Luiz



Azulejo do seculo XVI, copiado da egreja de Jesus de Setubal — Desenho de Nogueira da Silva

e o cardeal rei; mas não me recordo se os ladrilhos são do mesmo tempo.

Junto á sepultura de Camões, no convento das freiras de Sant'Anna, havia um tropheu pintado em azulejos. Tinha-o mandado pôr o poeta Miguel Leitão de Andrade, que vivia ainda nos fins do seculo XVI. Em casa do senhor de Pancas, a Arroios, ha um azulejo representando a batalha de Ameixial, ganha por D. Sancho Manuel seu avô, no seu tempo da acclamação de D. João IV. Vêem-se tambem azulejos na sala grande do palacio do conde de Almada, ao Rocio, aonde se reuniram os conjurados para a acclamação de 1640, representando os principaes feitos d'esta revolução. O proprietario, um dos conjurados, fez executar esta obra em commemoração de tão extraordinario acontecimento. Nas paredes da egreja de Santo André de Alfama conservam-se azulejos que parecem mui antigos. O recolhimento dos orphãos, á Mouraria, dizem que tem alguns mui curiosos. A quinta dos marquezes de Fronteira, em Bemfica, é ornada d'elles com profusão no jardim.

Antes do terremoto de 1755, no antigo edificio do jogo da pella, existiam azulejos antigos, que indicavam as regras d'este jogo, e representavam os jogadores em differentes posições.

O diccionario das sciencias e das artes diz-nos que o interior d'este edificio era todo azulejado, e nos dá as dimensões d'elle. Ao cimo da rua do Telhal, antes de chegar ao campo de Sant'Anna, ha uma quinta que tem um muro semi-circular rodeando um tanque de alto a baixo revestido de azulejos. Não os examinei recentemente, e ignoro de que tempo sejam; creio, porém, que os assumptos são tirados da fabula. Os que adornam a egreja da Madre

de Deus parecem interessantissimos. Acham-se tambem alguns no convento das religiosas dos Cardaes de Jesus (rua Formosa). São a obra de um artista flamengo que n'elles poz o seu nome. Os da escadaria do hospital de S. José, do convento de Jesus e muitos outros, representam, ordinariamente, assumptos da Biblia, ou vida de santos da ordem a que o convento ou egreja pertence. Vêem-se azulejos em quasi todos os edificios do seculo passado. Ha alguns que se referem aos costumes da epocha, outros representam combates de toiros, danças, caçadas de javalis, etc.

Havia tambem o costume de pôr no fundo das escadas, junto ás portas de entrada, figuras modeladas em argila cozida no forno, representando alabardeiros, figuras gruttescas e animaes.

Existe na camara municipal uma collecção preciosa de regimentos de todos os officios. Não só esta collecção é interessante para o estudo das artes d'este paiz, como para fazer conhecer o bom senso e o espirito de equidade que reinava entre nossos avós, e bem assim o cuidado que tinham em tudo quanto dizia respeito ao povo. Por estes regimentos, ou leis especiaes, se regiam os gremios de artes e officios.

Promulgados em differentes epochas, foram depois revistos e compilados todos estes regimentos pelo sabio jurisconsulto e chronista, Duarte Nunes de Leão.

Nenhum d'elles tem a data da promulgação; mas como foram colligidos por Duarte Nunes, todos são anteriores a 1669, era em que os publicou.

N'esta collecção se acha o regimento dos oleiros, o qual examinei, esperando achar n'elle alguma noticia a respeito dos azulejos. Começa este, como todos os outros, pela eleição dos juizes, a que se procedia no primeiro dia de cada anno. Eram estes juizes principalmente encarregados do exame dos productos do seu officio; eram obrigados a fiscalisar as obras, de modo que o publico não fosse enganado; para o que havia certas multas contra as fraudes; deviam, além d'isso, examinar as obras antes de serem postas á venda, e visitar frequentemente as lojas de officio. N'estes mesmos regimentos se acham prescriptos os deveres de cada official dos differentes ramos do officio de loiceiro, oleiro e telheiro, assim como as dimensões e qualidade dos tijolos e azulejos, sendo todos obrigados a conformar-se com os padrões conservados no municipio. Em nenhum d'estes regimentos achâmos coisa que sirva para a historia dos azulejos; apenas no começo do livro vem uma petição dos estucadores de Lisboa, onde dizem que, antigamente, os pedreiros que estucavam e azulejavam; que aprendiam este officio separadamente, em quanto que os pedreiros não se occupavam de estucar nem de ladrilhar; e que, por isso, era injusto examinal-os em alvenaria, quando elles não exerciam este officio. Á vista d'esta petição, póde affirmar-se que o uso dos azulejos era já vulgar n'aquelle tempo.»

Da fundação e valor artistico do convento de Jesus de Setubal, já por vezes temos fallado n'este jornal, e a pag. 65 do corrente volume publicámos uma gravura da fachada.

Hoje, para amostra dos azulejos de que a egreja é forrada em volta, damos o desenho dos que formam o quadro que fica á mão esquerda, logo á entrada.

O quadro é, como bem se vê, allegorico, e póde ter diversas interpretações. A mais obvia é que uma victima do amor profano, inspirado ou cantado pelo poeta que alli jaz caído, e atterrado á vista do dragão infernal, vae arrastada para o fogo eterno, pelos tres inimigos d'alma, mundo, diabo e carne, figurados nas tres cadeias que saem das boccas do cão trifauce, guarda-barreira do averno ou inferno da fabula.

No plano superior vê-se a rainha dos anjos, a mãe dos homens, intercedendo pela peccadora, e alcançando de seu bemdito Filho que a livre do poder do demonio.

As inscripções que se lêem n'este painel confirmam esta nossa interpretação. Todavia, quem sabe se isto é mais que uma parabola, ou uma allegoria moral como as de Alciato? Póde ser algum caso memorado e perpetuado n'esta pintura symbolica.

Seja o que for, Deus livre a todos de similhantes cadeias.

REINADO DE D. AFFONSO VI

(Fragmentos)

PRELIMINARES PARA A ANNULLAÇÃO DO REI

(Conclusão. Vid. pag. 278)

Na segunda feira 14 de novembro foram o infante e todos os conselheiros de estado convocados para o paço. Toda a nobreza acompanhou o principe; após elles ia grande quantidade de povo. Como no dia 5 d'outubro, n'esta occasião Affonso VI era quem menos governava no paço. Antes de entrarem em conselho praticou o rei em particular com os conselheiros ácerca da materia que lhes ia propor. Apenas um subscreveu á sua opinião. Todos os outros lhe declararam abertamente, que elle não podia, sem perder-se, recusar a convocação das cortes.

Com um discurso, preparado e estudado para o fim, abriu o rei o conselho. Declarava convir na convocação dos Tres-Estados, mas sem atermal-a. Todos os conselheiros murmuravam d'este ardil. Olhavam uns para os outros, mas nenhum se resolvia a fallar, até que o marquez de Marialva tirou um papel da algibeira. Era um requerimento do povo sobre aquelle objecto. Dispunha-se o rei a deitar-lhe a mão, provavelmente para o guardar em eterno esquecimento, mas o marquez póde acudir-lhe a tempo, passando a supplica ao secretario d'estado para que a lêsse.

D. Affonso não soube disfarçar a colera em que ardia.

— «Isto é uma grande velhacaria!» disse elle voltando-se para a rainha.

O povo pedia dia prefixo e certo para a abertura das cortes.

Mal se acabou a leitura, D. Diogo de Souza, apresentado no bispado de Leiria, e mettido de pouco no conselho mais o conde de Val-de-Reis, por influencia de Castel-melhor, sem dar ao rei tempo para fallar, tomou a palavra, e foi de voto que se fixasse e declarasse o dia da abertura. Seguiram-no todos, e o marquez de Sande mais calorosamente que nenhum. O rei consentiu. Accordou-se no dia um de janeiro proximo seguinte, e o secretario lavrou o decreto.

Não tardou que Marialva pagasse o seu atrevimento. Chamado logo depois do conselho pelo rei, ouviu-lhe exprobrações amargas, porque tendo-lhe D. Affonso fallado em particular, antes da sessão, sobre o objecto que n'ella se ia tratar, nada lhe dissera do requerimento que trazia na algibeira.

Só tinham passado tres dias, quando na quarta feira houve nova convocação dos conselheiros d'estado! Propunha-lhes Affonso VI que mudassem para o ultimo de fevereiro o dia de abertura das cortes, para que tivesse tempo de ir, como era seu costume, passar alguns dias em Salvaterra.

Todos se oppozeram com decisão, e o marquez de Sande, a pedido dos seus collegas, redigiu um me-

morandum para se mostrar ao rei, cuja conclusão era, que se elle não queria manter o que se decretára no conselho precedente, e fazer quanto o mesmo marquez já lhe aconselhára por escripto, todos lhe supplicavam permittisse que se retirassem a suas casas. D. Affonso pareceu render-se. Nova convocação para assistirem á noite á expedição das cartas convocatorias. De tarde nova irresolução do rei, novas coleras contra todos os conselheiros d'estado, e principalmente contra o marquez de Sande! Entretanto Antonio de Cavide escreveu á noite as cartas e se encarregou de as fazer assignar. Se este objecto, que tanta lucta suscitára, parecia ficar resolvido desde que o rei assignára as convocatorias, não deixava de continuar certo rumor de alguma mudança consideravel antes mesmo da abertura dos Estados.

O infante reconhecêra as proprias forças. Com o fundamento, que parecia averiguado, de seu irmão não poder ter filhos, nem governar o estado, esperava poder ir para o logar d'elle, tomando-lhe a coroa e a mulher. Trabalhava para o conseguir, julgando que seria mais facil obter das cortes approvação de mudança já consummada, do que leval-a a fazerem-na por si. O enviado francez Saint-Romain n'um despacho para a sua corte não encobre a situação em que via as coisas. São d'elle estas palavras ácerca da intelligencia intima dos dois cunhados: — « Bem vejo que entre a rainha e o infante se passam coisas que eu não sei. A materia parece tão boa e tão bem disposta, que se não duvida, que tudo quanto o infante faz venha a ter bom exito, por alguns dos meios de que elle se serve. Ha entretanto uns melhores que outros, e mais convenientes para a reputação e segurança da rainha. Não estou despeitado, porque me não consultam da sua parte, sobre uma coisa tão delicada como essa é: basta-me ouvir que quasi todo o reino, e todo o conselho de estado, estão persuadidos que é bem e vantagem de Portugal, e de seus alliados, que a auctoridade e governo sáiam das mãos do rei, para as do infante (mesmo a realeza, com a rainha), e que a coisa não falhará se a emprehenderem. »

Em similhante alternativa, o que mais preoccupava Saint-Romain eram as eventualidades que podiam comprometter a observancia do tratado de liga e alliança recentemente celebrado com a França. Do infante não tinha a tal respeito senão protestos: preparava-se para obter maiores seguranças por intermedio da rainha, não julgando a proposito communicar directamente com elle ou com a gente da Corte-real.

Todos descobriam que D. Pedro estava apaixonado e ambicioso. Testimunhava grande inclinação para a guerra. Propunha-se fazer uma bella campanha no anno futuro, e bem podia isto ser, porque os hespanhoes estavam mui enfraquecidos, na nossa fronteira. Assim o communicára a Saint-Romain, por intermedio dos confidentes da rainha. Esperava que Luiz XIV não recusasse ajudal-o n'este começo, e pedia ao enviado que escrevesse ao seu governo, para o dispor a isso. Assegurava que o dinheiro de França e o de Portugal applicaveis á guerra, nunca mais seriam distrahidos. Havia poucos dias que o marquez de Sande fizera a Saint-Romain o mesmo pedido da parte de todo o conselho. Dizia que o rei christianissimo conhecia as necessidades e estado dos negocios de Portugal, bem como a importancia, para os interesses da França, da sua diversão nas fronteiras de Hespanha, pelo que não devia difficultar-nos o subsidio grande, que todo o mundo nos suppunha ser n'este anno devido, já que não o tinhamos feito com Hespanha, nem elle enviado tropas á Italia, ou á Catalunha.

A opinião do representante de França era que Portugal carecia de dinheiro, que o que se lhe désse seria bem empregado, e produziria por toda a parte boas resultas, sendo uma tal graça para produzir grande effeito e esplendor se fosse annunciada durando a reunião das cortes, porque captivaria o principe e todo o reino. Accrescentava que já o principe e a maior parte dos portuguezes pareciam ter a respeito da França opinião differente da que tinham alguns tempos antes. Um soccorro dado a tempo podia acabar de os prender, e fortifical-os na alliança franceza contra as tentações da paz com Castella, que era o desejo e a paixão do maior numero, particularmente do povo.

Por este tempo constára em Lisboa, talvez por informação do nosso embaixador, que o rei de França acceitára para mediadores entre elle e o de Hespanha, o papa, e os principes do imperio. A cidade de Liége era a escolhida para as conferencias, sem que em tudo isto se fizesse menção de Portugal. Ferreira, pelas suas ultimas cartas, que eram do mez d'outubro, suscitava grande desconfiança das intenções e procedimento da França n'este negocio da paz. Em tal conjunctura, similhantes noticias eram perigosas, e penalisavam o partido francez em Portugal. Saint-Romain fazia quanto podia para impedir que fizessem impressão, e aguardava da sua corte noticias que o auctorisassem a dissipar completamente todas aquellas suspeitas. Fallára á rainha em nome dos interesses da França, e na grave conjunctura em que estava Portugal, para obter do principe promessa por escripto de conservar e executar o tratado de liga e alliança franceza. Ella que via bem onde paravam os seus interesses, e desejava mostrar ao rei christianissimo a sua consideração, prometteu alcançal-a.

No dia 20, Dalmerás com uma esquadra vinda de França ancorou na bahia de Cascaes. Trazia despachos para Saint-Romain, e lh'os enviou logo pelo major da armada. No dia seguinte veiu elle proprio a Lisboa, n'uma chalupa, para ver se podia passar sem entrar no Tejo. O mau tempo porém obrigou no dia 22 todos os seus capitães a acolherem-se ao rio: se não fosse esse motivo teria cedido a outros, quaes eram, as instancias da rainha e do proprio infante, que pediam, que se demorasse no Tejo algum tempo, em quanto se não dissipassem as nuvens que se agglomeravam, e escureciam o horisonte tormentoso da politica lisbonense.

Quando a esquadra franceza estava a entrar no rio, e ía ancorar em frente de Lisboa, tomava a revolução preparada na Corte-real novo aspecto, dando um passo decisivo para a sua consummação.

A rainha, esposa de D. Affonso VI, abandona o marido e seus paços, refugiando-se no convento da Esperança.

A catastrophe precipita-se!

A lucta entra em campo aberto!

O partido de D. Pedro conta com grandes forças!

Affonso VI vae jogar, e perder com os ultimos arrebatamentos, a mulher e a coroa!

JOSÉ DE TORRES

O PRINCIPE DE ERIN

(Lenda biscaynha)

I

Grande numero de guerreiros, com a aljava a tiracollo, occupam o vestibulo do palacio de Témora, residencia dos reis de Erin, [1] e os trovadores cantam, ao som das harpas de oiro, as façanhas que glorifi-

[1] Irlanda.

caram na guerra e na caça o valoroso Morna, soberano das verdes ilhas cercadas por ondas azues.

Deixam de ouvir-se as harpas dos trovadores, os guerreiros formam duas alas, as portas do palacio abrem-se, e d'ellas sáe o ancião Morna entre seus dois filhos Lémor e Armin.

O povo, que se aproxima a contemplar o seu rei, acclama-o com infinito amor, porque Morna é o *amado de todos*, segundo a significação do seu nome, no harmonioso idioma das verdes ilhas.

Encanecidos tem o rei cabello e barba, porém a neve de setenta invernos não conseguíra enfraquecer aquelles membros de athleta, desenvolvidos no trabalho e na sobriedade.

Tambem o povo tem affectuosas acclamações para os principes que acompanham o ancião, porque Lémor e Armin são formosos de corpo e alma.

Lémor tem a tez alva como a neve que coroa os cumes do Carmora, o cabello doirado como os raios do sol, e os olhos azues como a flor do lirio.

Afastam-se, afastam-se de Témora seguidos dos guerreiros e abençoados das mulheres, dos velhos e moços, que os seguem com a vista e com a alma até que se perdem na espessura de Lena.

Não vão á guerra, não, que as mulheres não choram ao vel-os partir.

O javali de asperas cerdas e alongadas presas é o inimigo com quem vão combater nos bosques de Lena.

Eil-os que se dispersam no emmaranhado do bosque, assim que os mastins, que os seguem de perto, annunciam a presença do monstro das selvas.

O rei váe por um lado, Lémor e Armin por outro.

A buzina dos monteadores e exploradores tambem annuncia a apparição do javali. E este corre, corre, corre despedaçando com os formidaveis colmilhos quantos cães ousam aproximar-se-lhe, e repellindo com a cerdosa pelle quantas frechas lhe disparam.

Lémor separou-se de seu irmão, como antes se havia separado de seu pae, e ha uma hora que os caçadores se afadigam, percorrendo o espesso bosque, sem poder alcançar a fera.

A buzina annuncia a Lémor que o javali se dirige para onde elle está, e o formoso caçador prepara o arco.

Agita-se o matto já perto, a espantosa cabeça do monstro apparece, e a frecha de Lémor corta os ares sibilando.

Um doloroso gemido resôa no bosque. Lémor avança para acabar com a fera, porém a fera não está no sitio para onde o principe fizera a pontaria, e o gemido repete-se a alguns passos mais adiante.

Lémor continúa a avançar, e apartando o matto d'onde saíra o lamento, um grito de dor lhe sáe do peito, porque seu pae, o rei das verdes ilhas, *o amado de todos*, e de ninguem tanto como de Lémor, jaz alli moribundo, atravessado o nobre peito pelo dardo partido do arco de Lémor. Este pede auxilio para seu pae, invoca o céo para o moribundo ancião, procura-lhe devolver a vida, que se exhala por instantes. Ao ver que é impossivel, chora, e sente na alma a desesperação.

II

Regressam ao palacio de Témora os principes das verdes ilhas, e os guerreiros que foram com elles ás selvas de Lena; mas os trovadores, que saíram ao seu encontro quando os viram assomar nos longinquos oiteiros, não pulsam as harpas de oiro, nem glorificam os caçadores com adulativos cantares.

Silenciosos e tristes, chegam caçadores e bardos, e ao saber a causa do seu silencio e da sua tristeza, as mulheres, os anciãos e as crianças abalam o espaço com os seus lamentos. Morna, o amado de todos, regressa exanime e conduzido por seus guerreiros em um leito de ramos funebres; Lémor e Armin parecem estar proximos a morrer de dor.

Os anciãos, chefes das tribus de Erin, congregam-se no dia seguinte em Témora, e depois de conferenciar largo tempo, vão perante Lémor, herdeiro da soberania das verdes ilhas.

— Principe! — lhe disse o mais velho dos chefes — ainda que as nossas leis condemnam á morte o parricida, tu não deves morrer, por estar provado, que se a tua frecha feriu teu pai, não foi acto da propria vontade: não deve, porém, cingir uma coroa, nem viver entre nós, quem está manchado com o sangue de seu pai e de seu rei. A coroa de Morna se ajustará na fronte immaculada de Armin. Amanhã, ao romper d'alva, esperar-te-ha no porto uma galera apparelhada, e provida de quanto necessites para o teu sustento. Afasta-te n'ella para sempre das nossas ilhas, e que o ceo te ampare onde quer que os ventos te levem!

Lémor acata a decisão dos chefes, e entrega-se á mercê dos ventos e das ondas, tendo por companhia a sua dor, e a esperança no ceo que bem lhe sabe a innocencia, e dois leaes servidores que querem participar da sua desdita.

A galera, falta de experimentado piloto, vaga dias e dias, e anda mezes pelas solidões do Oceano, joguete das irritadas ondas e dos ventos desencadeados.

A sêde devora já Lémor e seus servos, que só tem para levar aos labios a agua salgada do mar; quando a ultima esperança de descobrir um continente, qualquer que elle fosse, os abandonava já, avistam ao longe, por entre o nevoeiro, uma abençoada terra, coberta de verdes montes, e para ahi dirigem a sua galera.

Aquella terra é a habitada pelos cantabros [1], pela raça de gigantes, aos quaes tres seculos ha não pôde subjugar todo o poder de Roma, a senhora do mundo.

Aproxima-se a galera á costa, Hermaso é mais formoso ainda que as ilhas de Erin; e é este o continente que o principe e seus famulos saudam cheios de jubilo.

Os desterrados saltam da galera e prorompem em gritos de alegria, porque, á sombra de verdes e seculares castanheiros, brota caudalosa fonte, clara como as cristallisações das grutas do Drumanar.

A agua apaga o ardor que os devora. Acode-lhes a tranquillidade á alma, e o somno aos olhos. Reclinam-se em ribanceira coberta de flores, e ficam-se profundamente adormecidos.

(Continúa)

CHARADA

Rainha sou, e tida por suprema
No mais amavel reino do universo;
Depois de receber a c'roa em verso,
O mesmo Deus me deu melhor diadema. } 2

Ora a minha soberba altiva ameaça,
Ora a minha brandura é meigo enlevo,
Ora a devastação commigo levo,
Ora namoro os olhos a quem passa. } 2

Meu todo aspira a divinaes imperios;
E, sem que ao mundo e aos homens nada peça,
Espheras sobre espheras atravessa,
Para ser um composto de mysterios.

[1] Povo da Hespanha tarraconeza, entre os Pyreneos e o Oceano; habitou Navarra, Byscaia, Alava e Guipuzcoa actuaes.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.